



Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Ciências da Educação

Núcleo de Desenvolvimento Infantil

Curso de Especialização em Educação Infantil

Campus Universitário – Trindade – Caixa Postal 476

e-mail : especializacao.ufsc.ndi@gmail.com - Fone 3721-8921

Zuleide Fernandes da Silva

PARQUE: PRA QUE TE QUERO?

Florianópolis

2012

Zuleide Fernandes da Silva

PARQUE: PRA QUE TE QUERO?

Artigo apresentado ao Curso de Especialização em Educação Infantil (*LATO SENSU*) da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do certificado de especialista sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Rosânia Campos.

Florianópolis

2012

Zuleide Fernandes da Silva

PARQUE: PRA QUE TE QUERO?

Este artigo foi julgado aprovado para a obtenção do Título de “Especialista em Educação Infantil” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Especialização em Educação Infantil.

Florianópolis, de de 2012.

Prof. Dra. Marilene Dandolini Raupp
Coordenadora Geral do CEEI

Banca Examinadora:

Prof.

Orientador

Prof.

Primeiro membro

Prof. ..

Segundo membro

PARQUE: PRA QUE TE QUERO?

Zuleide Fernandes da Silva

RESUMO: O presente artigo foi elaborado a partir de reflexões sobre a importância de organizar os espaços externos, de modo que oportunize a criança ao seu desenvolvimento pleno, envolvendo-se em diversas brincadeiras. A escolha desse tema em específico decorreu, das discussões atuais, de modo particular das observações nos momentos do parque nesta Instituição. Para isso, foi de extrema importância discutir com a comunidade escolar sobre a transformação desses ambientes, possibilitando a escuta dos anseios e desejos das crianças, professores e demais funcionários, cuja bagagem cultural preencha de significados os espaços físicos construído tornando-o espaço/lugar. Buscamos em autores a importância do brincar e o que as brincadeiras proporcionam para o desenvolvimento humano. Também os indicadores de qualidade auxiliaram a equipe, fazer uma auto avaliação da qualidade no atendimento das crianças, no espaço externo, serviu como diagnóstico e foi base para intervenção durante a construção dos espaços. Deste modo foi possível extrair, após estudos, que os espaços externos devem proporcionar esses momentos, sendo que não se resume apenas em play ground, o que realmente possibilita o desenvolvimento é brincar num espaço desafiador, com muitos atrativos, que permita o contato com os diversos elementos da natureza. Chegamos à conclusão que um espaço com poucas possibilidades acaba limitando o próprio planejamento, sobretudo o próprio desenvolvimento das atividades. Neste sentido, ter organizado de forma conjunta esse trabalho, resultou na valorização do papel do professor e no reforço de sua função de observador e mediador no cotidiano da instituição.

Palavras – chave: educação infantil; espaços; planejamento.

ABSTRACT: This article was drawn from reflections on the importance of organizing the outdoors, so oportunize the child to its full development, engaging in various games. The choice of this theme in particular took place, the current discussions, particularly in times of observations of the park in this institution. Therefore, it was extremely important to discuss with the school community about the transformation of these environments, enabling listening to the wishes and desires of children, teachers and other employees whose cultural background fill of the physical meanings constructed makingspace / place. We seek to authors the importance of play and games that provide for human development. Also the quality indicators helped the team to do a self evaluation of quality of care of children in outer space, has served as a basis for diagnosis and intervention during the construction of spaces. Thus it was possible to extract, after study, that the external spaces should provide these moments, and not simply in play ground, which really allows the development is playing a challenging area, with many attractions, allowing contact with various elements of nature. We conclude that an area with few opportunities you restrict the proper planning, especially their own development activities. In this sense, have jointly organized this work resulted in the appreciation of the role of the teacher and the strengthening of its role as observer and facilitator in the routine of the institution.

Key - words: early childhood education; spaces; planning

PARQUES INFANTIS NOS CEIS

INTRODUÇÃO:

A Educação Infantil e sua inclusão como primeira etapa da educação básica, sancionada em 20 de dezembro de 1996, representa um marco histórico de grande importância para o país. Neste sentido muitos são os debates sobre como se organizar esses espaços para o atendimento das crianças de 0 a 6 anos de modo que respeite os direitos e o desenvolvimento infantil. Neste artigo dentre as discussões podemos destacar aquelas que objetivam refletir sobre os espaços externos destes centros, uma vez que as próprias modificações da sociedade têm limitado a possibilidade da criança em brincar e se desenvolver com os vários elementos da natureza e a socialização nas famosas brincadeiras de rua. Ao considerar que os espaços sociais coletivos eram *lócus* de encontros, incentivo à imaginação, socialização de brincadeiras e de brinquedos, relação intergeracional, entre outros aspectos, entendemos que é fundamental pensar os aspectos externos dos Centros de Educação Infantil seguindo a lógica dos antigos espaços sociais.

Além das ausências dos antigos espaços coletivos, como ruas, parques infantis, outro fator que torna relevante a discussão referente aos espaços externos é o tempo que a criança frequenta os Centros de Educação Infantil. Deste modo, é necessário planejar esses espaços de modo que garanta o desenvolvimento e sua criação, imaginação e experiências. Assim, a partir dessas considerações foi iniciado um trabalho de análise, discussão, reflexão e planejamento para o Centro de Educação Infantil nascendo assim o projeto: “Parque para que te quero”.

A escolha desse tema em específico decorreu, como apresentado anteriormente, das discussões atuais referentes a esta temática e de modo particular das observações nos momentos do parque nesta Instituição. Percebemos que as crianças, realmente, brincam, muitas brincadeiras são inventadas por elas. No entanto, ao observarmos o planejamento dos professores, a “HORA DO PARQUE”, aparece somente quando acontece algum incidente. A ausência intencional destes profissionais, nestes momentos, com a aprendizagem das crianças, nos indica que,

para esses profissionais, esse não é um espaço educador, ou que deva ser contemplado em seus processos de planejamento. Entretanto, entendemos que para o espaço externo ser integrado nos planejamentos cotidianos, é necessário ter um olhar reflexivo do professor frente a sua prática, das interações do grupo, e que partindo deste olhar atento, desta escuta sensível, pode estar trazendo para o planejamento, no sentido teleológico (pensar antes) boas situações de aprendizagens.

Estas reflexões resultaram em algumas questões: qual seria o parque ideal dos Centros de Educação Infantil? Como poderíamos pensar nos espaços externos dos Centros de Educação Infantil, de modo que oportunize diferentes experiências para as crianças, diferentes possibilidades de criação, de interação? Há diferença entre pensar e projetar o parque e o *play ground*? Por que é tão importante projetar um parque para oportunizar as diversas possibilidades para a criança? Por que não é só levar para o parque? A partir destas reflexões foi iniciado um processo de discussão com os professores e pais. No presente artigo procuramos descrever este processo, assim, num primeiro momento iremos apresentar o processo de estudos com os professores e o que indicam os documentos sobre essa questão. Na seqüência, nos centraremos nas discussões referente à concepção de espaço como fundamental nos processos de ensino-aprendizagem e finalizamos com a proposta de como aproveitar melhor esses momentos de ir ao parque que é tão importante para a criança sem a intenção de didatizar, mas de aproveitar esse momento tão rico para o processo de ensino- aprendizagem.

O BRINCAR COMO FERRAMENTA ESSENCIAL E NECESSÁRIA PARA O DESENVOLVIMENTO HUMANO.

Era tarde esplendorosa de sol, convidando para o brincar. As crianças cavavam um pequeno buraco no pátio de areia, e, após, acrescentaram água fazendo uma meleca. Ao vê-las no movimento do brincar, perguntei o que estavam fazendo:

-A: Falou que era brincar de fazer pão.

-B: Respondeu que era mingau.

Neste momento A. chegou e disse: “É, foi muita sujeira”.

Entendemos o brincar como essencial e necessário ao processo de desenvolvimento humano, assim, nessa perspectiva, defendemos a importância de planejar e/ou oportunizar suporte para ampliar o brincar infantil. No entanto, nossas observações foram indicando que a brincadeira descrita não foi planejada pela professora, nem mediada pela mesma. Em outras palavras, a brincadeira com areia e água não teve uma organização prévia do professor, sendo que coisas neste sentido acontecem no parque. A ausência da mediação foi visível, apenas permitiu que as crianças pegassem água para brincar, inclusive deixaram a torneira aberta. Outra surpresa decorrente desta observação foi que, na conversa com a professora enquanto as crianças estavam brincando, a mesma solicitou a retirada da areia desse espaço, pois as crianças produzem muita sujeira. Essa atitude da professora confirmou algumas suspeitas e nos instigou a pensar, urgentemente, como poderíamos discutir as concepções das professoras tanto em relação ao desenvolvimento, papel da educação infantil, quanto a importância do brincar em ambas as situações.

Nossas reflexões partem da compreensão de que as brincadeiras infantis, em especial aquelas envolvendo os elementos da natureza como: barro, areia, folhas, árvores, morro, mato, bola, canoa de coqueiro, água, rio, cachoeira, podem tornar a permanência nos centros de educação infantil muito mais prazerosa e instigar muito mais sua imaginação, criação e conhecimento de mundo. Para tanto, consideramos fundamental a intenção e criatividade da professora.

A organização do espaço implica pensar ainda na possibilidade que esse deve oportunizar a criança em termos de movimentação. Esta observação decorre da compreensão do papel central do movimento no desenvolvimento humano. Colabora com essa idéia Fonseca (1983 p.9) quando afirma que: “não há movimento para homens, mas homens que se movimentam assim como não há objeto para homens, mas homens que os utilizam”. Nesse sentido Collelo (apud MATTOS, 1999 p.19) vem afirmar que: “a educação pelo movimento visa conjugar os fenômenos motores intelectuais e afetivos, garantindo aos homens melhores possibilidades na

aquisição instrumental e cognitiva, bem como na formação da sua personalidade”.

Assim é fundamental que, no processo educativo se lance mão desses espaços que permitam que nossas crianças, se movimentem, brinquem, corram, imaginem... Esta é uma necessidade, cuja função é fornecer um ambiente adequado para a realização de atividades reais, vitais, atendendo às necessidades e interesses da criança. De acordo com Lê Boulch (1986 p.38-39):

[...] o meu corpo é o pivô do mundo, tenho consciência do mundo por meio do meu corpo. Especialmente no início da escolaridade primária as possibilidades de orientação da criança tão importantes para a leitura dependem de uma evolução do esquema corporal.

Podemos dizer então que o movimento é fundamental para o desenvolvimento humano, do mesmo modo que, a brincadeira, os jogos infantis o são. No que diz respeito as brincadeiras e aos jogos, importante compreender que “as atividades das crianças são essencialmente lúdicas (e não competitivas) e tem como função primordial a descoberta do mundo que as rodeia: a criança se desenvolve brincando" (WEISS, 1997 p.20). Ainda segundo a autora, através das brincadeiras, as crianças desenvolvem capacidades como atenção, imitação, memória, interação, vivenciando experiências, utilizando regras e papéis sociais.

Entretanto é mister lembrar que nenhuma criança nasce sabendo brincar, pelo contrário, a capacidade de brincar, de criar brincadeiras é aprendida socialmente. Brincando ela se comunica, expressa seus desejos e vontades. Brincar representa um fator de grande importância na socialização da criança, pois é brincando que o ser humano se torna apto a viver numa ordem social e num mundo culturalmente simbólico. Seguindo esta linha, Frobel (apud KISHIMOTO 1998 p;68) define que:

A brincadeira é a atividade espiritual mais pura do homem, neste estágio [infância] e, ao mesmo tempo, típica da vida humana enquanto um todo da vida natural interna do homem e de todas as coisas. Ela dá alegria, liberdade, contentamento, descanso interno e externo, faz com o mundo... a criança que brinca sempre com determinação auto-ativa, preservando, esquecendo sua fadiga física, pode certamente tornar-se um homem determinado capaz de autossacrifício para a promoção do seu bem e dos outros. Como sempre indicamos, o brincar em qualquer tempo não é trivial, é altamente sério de profunda significação.

É possível ainda afirmar que por meio das brincadeiras as crianças transformam os conhecimentos que já possuem, em conceitos gerais com os quais

brincam. Ao brincar a criança pode ser autora de suas ações, escolhendo, elaborando e colocando em prática suas fantasias e conhecimentos, sem a intervenção direta do adulto, podendo experimentar, pensar e solucionar problemas, de forma livre das pressões situacionais da realidade imediata. Conforme Almeida (1998), o que a criança aprende brincando é de grande valor para ela, suas necessidades atendidas, seus relacionamentos com o meio tornam-se melhores, sendo então de grande importância as brincadeiras para o desenvolvimento da criança.

A partir destes pressupostos entendemos que é fundamental buscar novas alternativas para se construir um espaço que contemple as necessidades infantis, que proporcione esses momentos tão necessários. Assim, os parques nos Centros de Educação Infantil deverão ser projetados de modo que contemplem as necessidades de desenvolvimento e de aprendizagem da criança. Dito de outro modo, os estudos realizados evidenciaram que oportunizar esse espaço de brincadeira e movimentação não é somente brincar num *play ground*, com balança, escorrega, gangorra, trepa-trepa, não que não sejam importantes esses brinquedos para criança, mas não se resume só nisso, precisamos buscar outras alternativas, de brincar fora, além desses brinquedos, as brincadeiras com os elementos da natureza devem também, ser de extrema importância para o desenvolvimento da criança.

Os documentos, ressaltando os indicadores de qualidade que indicam como devem ser projetados os espaços externos auxiliando assim, no planejamento desses espaços. De acordo com os Parâmetros Básicos de Infraestrutura de Educação Infantil (BRASIL, 2008 p. 27):

A interação com o ambiente natural estimula a curiosidade e a criatividade... deve-se promover o cuidado especial com o tratamento paisagístico, que inclui não só o aproveitamento da vegetação, mas também diferentes tipos de recobrimento do solo, como areia, grama, terra e caminhos pavimentados.

Ainda segundo o documento, “é preciso refletir sobre o momento de desenvolvimento da criança para organizar as áreas de recreação” (Ibid, p.27). Alerta ainda o documento, que

[...] em áreas muito amplas e dispersas, deve-se incluir elementos estruturados caminhos definidos, tratamento paisagístico, áreas de vivência coletiva, mobiliário externo compatível com o tamanho das

crianças (Ibid, p.27) .

Outra indicação presente no documento afirma que é:

Importante planejar a inclusão de brinquedos para diferentes faixas etárias, brinquedos que estimule diferentes usos de atividades. Os confeccionados com materiais naturais da região costumam ser mais atrativos. Sempre que possível, é interessante que as áreas externas sejam abastecidas com objetos ou equipamentos soltos, permitindo às crianças desenvolver sua tendência natural de fantasiar, a partir de brinquedos que possam ser manipulados, transportados e transformados. (Ibid, p.28).

Essas indicações legais reforçam nossa concepção de que os espaços externos devem ser pensados além da lógica de *play ground*. Ao mesmo tempo, nos leva a pensar que ter espaço amplo não garante ofertar às crianças diferentes experiências, ainda que facilite para planejar uma variedade de ambientes, espaços amplos sem a compreensão do papel desses na educação infantil pode ficar reduzidos a grandes espaços de correr, pular, empurrar, ou ainda se converter rapidamente em grandes pátios com pisos de fácil manutenção. Assim, consideremos que ter um espaço grande, amplo é muito bom, mas isso não garante ser um espaço de exploração, aventuras, e brincadeiras.

Portanto, criar um espaço que oportunize as diferentes ações e experiências das crianças, nos Centros de Educação Infantil, não significa apenas ter em tamanho, e sim o que nele é construído. Ir para o parque não é só levar para o parque. E, a partir dessas considerações e de outras discussões com o grupo, foi iniciado um trabalho de redimensionamento da função e da organização do espaço externo do Centro de Educação Infantil.

RESIGNIFICANDO O OLHAR PARA ENSINAR A BRINCAR

Diante das situações citadas, sabemos que precisamos de espaços, mas há de se pensar e considerar, que o espaço em tamanho também não garante momentos que oportunize o desenvolvimento estético e sensível das crianças. No caso específico do CEI Aventuras de Criança, o espaço tanto interno, bem como o externo estão fora dos padrões de qualidade no que se refere ao tamanho físico.

Por algum tempo procuramos redimensionar essa área, e construímos junto com toda a comunidade o aproveitamento desse espaço, num espaço mais atrativo para as crianças. No entanto, a partir das observações e dos estudos acima discutidos iniciamos um novo processo no CEI, de modo a envolver os professores/as no planejamento, avaliação e execução da construção dos espaços externos de modo que esses possam efetivamente oportunizar o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Ao iniciarmos este processo o que tínhamos era um espaço com *play ground* e uma casinha com problemas estruturais e que pouco ou raramente era utilizada em alguma atividade, uma caixa com areia, sem nenhum atrativo para as crianças, mesinhas que eram utilizadas somente para trabalhar com pinturas e argila, também pouco utilizada. As imagens abaixo ilustram como estavam os espaços antes do desenvolvimento do projeto:



Figura 01- Entrada principal do CEI (frente)
Autora: zuleide Fernandes da Silva/abril 2009



Figura 02- caixa de areia
Autora: Zuleide Fernandes da Silva/ maio 2009



Figura 03 campo de futebol fotografada após a 1ª reforma
Autora: Zuleide Fernandes da Silva /maio 2011



Figura 04 - Espaço localizado ao lado esquerdo do CEI, junto a caixa de areia.
Autora: Zuleide Fernandes da Silva /abril 2009



Figura 05 - Espaço do lado esquerdo do CEI, próximo ao portão de entrada (fundos)
Fotografada após a 1ª reforma
Autora: Zuleide Fernandes da Silva/ junho 2011



Figura 06 - Este espaço está localizado ao lado direito do CEI.
Autora: Zuleide Fernandes da Silva /janeiro 2011

A partir dos registros fotográficos, novas reflexões foram realizadas iniciando um segundo momento: saber o que as crianças pensavam sobre esses espaços, o que indicavam como sendo um espaço interessante, instigante e desafiador. Esse processo gerou inúmeras informações para todos os profissionais e incentivou a busca de novos estudos, documentos, pesquisas que fundamentassem as ações e planejamentos. O novo desafio, neste momento, era discutir com o professor/a o papel, a organização do espaço, mas observando que esse planejamento, essa organização não deveria ser transformada em “aula” ao ar livre. Antes o desafio era constituir um espaço de liberdade criadora, cognitiva e cultural. Então com o estudo concluímos que brincar no pátio também deve ser planejado de modo a possibilitar intenções de experiências com diversos materiais e cenários. Assim, a partir das fotos, das considerações das crianças e dos estudos com os professores, os espaços foram inseridos nos planejamentos e nova tarefa surgiu: como executaríamos os planejamentos? Essa questão implicaria desde propostas orçamentárias até mão de obra gerando a elaboração de um plano de metas a curto, médio e longo prazo, sempre considerando as idéias, observações das crianças, professores e funcionários do CEI. Elaboramos então, um plano de metas à curto, médio e longo prazo, mesclando as opiniões das crianças, professores e demais funcionários.

O próximo passo foi socializar com os pais para saber o que cada um, ou cada grupo poderia contribuir e indicar para a execução deste processo. Divulgamos o projeto do “Parque Pra Que Te quero” para alguns comércios da região para parcerias e novos colaboradores. Nesse momento, tivemos algumas surpresas agradáveis, como o envolvimento do comércio local com apoio a idéia e auxiliando, por vezes, financeiramente, nossas ações, bem como o envolvimento de

alguns pais. Com os materiais em mãos, optamos em “por a mão na massa” em uma das paradas pedagógicas¹. Neste dia trabalhamos com materiais que são perigosos, contra indicados para as crianças deixando os outros espaços para eles fazerem de acordo o planejamento.



Figura 07: profissionais reesignificando o espaço
 Autora: Jaqueline Finder Floriano DATA: 17/10/2011

Dando continuidade ao processo, realizamos novas discussões com os professores, inclusive responderam alguns questionamentos sobre o que deve conter no pátio, como ele deve ser e o que temos. Observamos que, embora os professores indicassem importância do espaço externo, bem como o cuidado com sua organização, não percebemos a compreensão da importância do brincar com os elementos da natureza. Essa observação nos instigou a novos desafios junto ao corpo docente e assim, desafiamos os professores para que eles elaborassem seus planejamentos de acordo com os espaços que foram construídos no pátio externo, com a seguinte questão: O que vou fazer com as crianças?

Ao se considerar que a criança não nasce sabendo brincar, e que as brincadeiras são ensinadas, é preciso pensar num espaço que possa trazer diversas possibilidades para esta aprendizagem, perceber que os espaços mesmo não sendo o ideal, podem oferecer diversas possibilidades e contribuir significativamente para aprendizagem das crianças. Essa discussão em organizar um espaço que permita o trabalho com o movimento e a sua importância para o desenvolvimento da criança, não é de hoje que se discute essa afirmativa.

Este novo desafio implicou em um movimento social e político dos

¹Paradas pedagógicas, são reuniões destinadas para estudos com os profissionais da educação, incluídas no calendário escolar.

professores e um desejo de realização durante a pesquisa e a atuação durante as intervenções com as crianças nos indicando que “construir conhecimentos implica numa ação partilhada, já que é através dos outros que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidos” (VYGOTSKY, apud REGO, 1994 p.110). E nesse processo observamos que a construção era mútua: do espaço externo e dos professores. Vamos consolidando o espaço externo como importante mediador no trabalho junto às crianças e, ao mesmo tempo, construindo espaço de discussão, diálogo, questionamentos e partilha de saberes junto aos professores. Nesse sentido, nossos esforços eram para ampliar este último espaço, isto é, nosso espaço de análise, discussão e planejamento, de modo que tivéssemos um CEI com possibilidades sempre de transformação, local para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade. Em outras palavras, observamos a transformação do espaço externo e da própria dinâmica do CEI que se consolidava a partir da autonomia de crianças e professores e na possibilidade de refletir sobre o próprio processo de construção de conhecimento, de modo que o conhecimento já sistematizado não é dogmático e esvaziado de sentido. (VIGOTSKY, apud KISHIMOTO, 2002).

Os registros fotográficos abaixo mostram como ficaram esses espaços após a intervenção. Para dinamizar a ação resolvemos que cada turma seria responsável por um espaço. Sempre a partir da lógica de construção coletiva, fomos transformando “os espaços” a muitas mãos. Tarefa não simples, tanto pela experiência de cada espaço ser pensado a partir de objetivos educativos, do compromisso em ampliar o universo cultural e experiência das crianças, quanto pelo desafio de ser uma tarefa dividida com pais e crianças. E assim, fomos construindo um novo espaço externo. Algumas dessas ações podem ser observadas nas imagens a seguir:



Figura 08 - Entrada principal do CEI

Autora: Zuleide Fernandes da Silva DEZEMBRO 2011



Figura 09 - Caixa de areia, localizada no lado esquerdo junto a pista de carrinhos.
 Autora: Zuleide Fernandes da Silva/08/11/2011



Figura 10 - Localizada ao lado esquerdo do CEI, construímos a pista de carrinhos e o campo de futebol.
 Autora: Zuleide Fernandes da Silva/08/11/2011



Figura 11 - Mesa de jogos. Localizada no lado esquerdo próximo ao portão dos fundos.
 Autora: Zuleide Fernandes da Silva/08/11/2011



Figura 12 - Localizado no lado direito do CEI, a Casa do lobo e a Vila dos Pássaros
 Autora: Zuleide Fernandes da Silva/ 08/11/2011

As alterações observadas no espaço físico tiveram eco também, no cotidiano nos planejamentos e ações das professoras. Ainda que de forma inicial, observamos que a ocupação dos espaços iniciou um processo diferenciado do até então desenvolvido. Em relação aos planejamentos, observamos que agora “ir ao parque” não é apenas um momento de “deixar a criança”, antes, mesmo que se reserve momentos para as interações entre os pares sem interferência direta do adulto, é possível observar intencionalidades nas ações das professoras não evidenciadas anteriormente.

Os modos das crianças interagirem com esses espaços também foi alterado. As experiências foram ampliadas, assim, podemos acompanhar a sensação das crianças ao brincarem descalças na grama, ou fazermos uma envolvente caça ao tesouro na caixa de areia. A mesma caixa de areia foi cenário de “padaria”, uma gostosa praia entre outros cenários. Todas essas ações, algumas iniciadas pelas próprias crianças, foram instigadas, e novos elementos foram oportunizados pelas professoras. E, nesse processo, como também nos encontros de planejamentos, as professoras relataram a necessidade de incluir estratégias para esses momentos no parque ressaltando como a modificação do ambiente gerou novos modos de interação.

O reconhecimento desta necessidade, repensar os planejamentos para ambientes externos, oportunizou a retomada de algumas questões e o surgimento de novas discussões, ao mesmo tempo, foi evidenciando novos desafios em relação a planejamento, isto é, como oportunizar as novas experiências às crianças sem transformar o espaço em algo restrito ou limitador para elas. Em outras palavras, planejar o cotidiano de modo que crianças e adultos se envolvam ativamente em projetos de importância social, cultural e política continua sendo, mesmo com os significativos avanços, o desafio do grupo. Entretanto, como já afirmado anteriormente, alguns avanços já podem ser observados e foram registrados como podemos observar nas imagens a seguir:



Figura 13 - Crianças explorando a caixa de areia, brincando com materiais diversos.
Autora: Maria Eli dos Santos Rabethge 25/11/2011



Autora: Maria Eli dos Santos Rabethge / NOVEMBRO 2011
Figura 14 - Crianças explorando a caixa de areia, “brincando na praia”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos e defendemos o direito da criança em ter garantido momentos para brincar sem interferência direta dos adultos, momentos para interagir, explorar criando suas brincadeiras e jogos. No entanto, entendemos também como é fundamental compreender que os espaços não são neutros e os espaços de educação coletiva não são apenas locais de guardar, deste modo, procuramos com esse trabalho discutir com as professoras como poderíamos organizar o cotidiano respeitando esses aspectos e ao mesmo tempo planejando ações que enriquecessem o desenvolvimento global das crianças.

Nesse processo, chegamos à conclusão, de que um espaço com poucas possibilidades acabava limitando o próprio planejamento expresso, sobretudo, no próprio desenvolvimento das atividades que se concentravam, em sua grande maioria, no interior das salas, sendo o espaço externo pouco utilizado. Essa conclusão, resultou de um longo processo de estudo, análise, criação conjunta, não apenas de uma análise da direção. Neste sentido, ter organizado de forma conjunta esse trabalho resultou ainda na valorização do papel do professor e no reforço de sua função de observador e mediador no cotidiano da instituição. Seguindo essa perspectiva, esse trabalho propiciou a retomada de concepções e a discussão do papel das crianças no Centro de Educação Infantil. Em outras palavras, a partir da ação coletiva com as crianças, de suas observações atentas, de seus registros e de suas intervenções que o professor poderá planejar esses espaços e assim, possibilitar novas interações, novas brincadeiras, novas descobertas, enfim ampliar o repertório social e cultural das crianças.

Este processo é acompanhado também pelo diálogo com os pais e na busca de superação da concepção ainda presente de que CEI com qualidade é aquele que “faz muitos trabalhos”, isto é, utiliza de muita atividade em papel. Novamente é importante destacar que consideramos também significativas as experiências das crianças com os papéis, lápis, e demais materiais gráficos, no entanto, nossa observação decorre do cuidado para que essas atividades não sejam transformadas em atividades prioritárias, sendo as demais secundarizadas.

REFERENCIAS

SMOLKA, Ana Luiza. **Imaginação e criação na infância, comenta.** Lev. S. Vigotski.

REGO, Tereza C. Vigotski. **Uma perspectiva Histórico Cultural da Educação.**

Petrópolis-RJ, Editora vozes, 1994,

MOYLES, Janete R.. **Só Brincar.** Porto Alegre. Artmed 2002.

FONTIN, Mônica. **No mundo da brincadeira: Jogo, Brinquedo e cultura na Educação Infantil.** Florianópolis: cidade futura, 2000.

KAMI, Constance e DEVRIES, Rheta. **Jogos em Grupo na Educação Infantil .**

Artmed. SP. 2009.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento. Um processo sócio histórico.** SP: Spcione, 1997.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade.** São Paulo. Martins Fontes, 1983.

MATTOS, Mauro Gomes de, Et AL.; **Educação física infantil: construindo o movimento na escola.** In COLLELO, Silva. **Linguagem escrita e escrita da linguagem.** Guarulhos SP: Phorteditora, 1999.

LÊ BOLCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor desde o nascimento até os seis anos.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

WEISS, Luize. **Brinquedos e engenhocas: Atividades lúdicas com sucatas.** São Paulo: Scipicione, 1997.

KISCHIMOTO, Tisuko Morchila. **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira, 1998.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica- Técnicas e jogos pedagógicos, 8.** Ed. São Paulo: Loyola, 1998